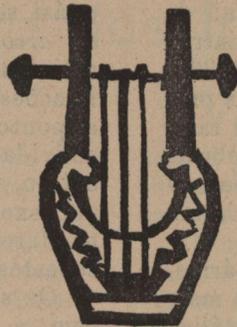


DUAS NOTAS



DE MÚ SICA

A Escola de Évora condensa o que houve de melhor na História da Música Portuguesa. Os seus representantes foram contra-pontistas dos mais notáveis, de entre os quais se distingue Duarte Lobo, hoje considerado o mais genial polifonista português. Se na sua obra, em que há páginas de incomparável formosura, «a princípio, apresenta um aspecto mais de ciência que de sentimento, mais tarde soube emancipar-se, dando à sua música uma forma nova cheia de expressão e grandeza». (Candido Ramalhete).

O mais antigo representante da Escola de Évora foi Manuel Mendes, discípulo de Cosme Delgado e mestre de Duarte Lobo. Compositor de verdadeiro mérito, Manuel Mendes teve ainda outros discípulos, além de Duarte Lobo, entre os quais é preciso citar Frei Manuel Cardoso cuja obra vastíssima foi em grande parte destruída no incêndio da Biblioteca de Lovaina, em 1914; Filipe de Magalhães, com algumas obras de incontestável valor; João Lourenço Rebelo, contra-pontista, e Diogo Dias de Melgaço, também contra-pontista de valor.

Pertenceram ainda à Escola de Évora outros músicos notáveis como Afonso Lobo, que foi mestre de capela na Sé de Toledo; Simão dos Anjos; Francisco de Santiago, que escreveu 538 vilancicos; Gabriel Dias, autor de obras muito valiosas; Sebastião Costa, mestre de capela de D. João IV; e muitos outros.

Os músicos da Escola de Évora, no dizer do musicógrafo Luiz de Freitas Branco, «fizeram da capital do Alentejo, poderoso centro de irradiação das artes plásticas, um centro igual, senão superior, de cultura musical».



Hugo Riemann, no seu «Dicionário da Música», Lavignac na seu Livro «A Música e os Músicos», e ainda outros autores, atribuem a Guido d'Arezzo a invenção dos nomes das notas de música. D'arezzo teria ido buscá-los à seguinte estrofe, do Hino a S. João :

*Ut queant laxis
Resonare fibris
Mira gestorum
Famuli tuorum
Solve poluti
Lacii reatum
Sancte Joannes,*

A música desta estrofe, em canto-chão, deve ser dos primeiros séculos da era cristã, segundo Lavignac, e crê-se que o original pertenceu a D. João IV.

Muitos musicógrafos não aceitam a versão de que as notas tenham sido inventadas por Guido d'Arezzo (995-1150), e alguns, como Landormy e Combarieu, dizem que a solmisação já era conhecida antes da época em que êle viveu.